



MANUEL  
ANTÓNIO  
PINA:  
DOS  
OLHOS  
E DAS  
MA-  
TÉR-  
IAS

A propósito da obra poética de Manuel António Pina (1943-2012), que teria completado 75 anos de idade, juntamos, num mesmo evento, os poemas A Ferida, Os Livros, O Regresso, Como se Desenha uma Casa, e Estarei muito perto da Luz, à dimensão plástica da pintura de dez artistas, Ânia Pais, Rita Alves, Cecília Corujo & Juliana Ferreira, Clara Correia, João Massano, Maura Gonçalves, Pedro Tinoco, Rita Leitão, Sofia Nabais e Tiago Santos. Estamos perante um novo nível de criação: ver poesia, ler pintura.

É um conjunto de trabalhos que reflete verdade, pureza, empenho, dedicação e profissionalismo, neste grupo de artistas, os quais se encontram, desde há muito tempo, no processo de construção da arte, procurando-a incessantemente, obra após obra.

Podemos encontrar quatro linhas direcionais, no conjunto de trabalhos apresentados, indicando percursos e propostas bem diferentes, mas todas em sintonia com uma ideia de presente. Essas linhas são a geometria e a construção, a luz e a espacialidade incógnita oferecida a um olhar contemplativo, a matéria e as resultantes híbridas de ações diretas sobre ela e, por último, as figurações de muitos quotidianos inusitados.



**MANUEL  
ANTÓNIO  
PINA:  
DOS  
OLHOS  
E DAS  
MA-  
TÉR-  
IAS**

Ilídio Salteiro  
João Paulo Queiroz  
Rita Basílio  
Sónia Rafael

## **Manuel António Pina: dos olhos e das matérias**

Ilídio Salteiro, João Paulo Queiroz, Rita Basílio e Sónia Rafael

**Organização:** Ilídio Salteiro e João Paulo Queiroz

**Capa:** Sónia Rafael (imagem de Tiago Santos)

**Design e paginação:** Sónia Rafael

**Impressão:** FCLP

**ISBN:** 978-989-8944-09-2

**Edição:** Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa  
Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes (CIEBA)

**Apoio administrativo CIEBA:** Cláudia Pauzeiro

**Relações públicas:** Isabel Nunes e Maria Teresa Sabido

**Secção Financeira e Patrimonial:** Isabel Vieira (Coordenação) e Andreia Valente,  
Carla Soeiro, Conceição Reis, Filipa Pires, Lurdes Santos, Rosa Loures

Janeiro de 2019

Cada autor responde pela escolha de escrever de acordo com a sua própria opção ortográfica.

**b**  
a

cieba

belas-artes  
ulisboa



FCSH  
FACULDADE DE CIÊNCIAS  
SOCIAIS E HUMANAS  
UNIVERSIDADE DE LISBOA

FCT  
Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia



<b>Introdução</b>	<b>6</b>
Rita Basílio e Sónia Rafael	
<b>Onze artistas num Elogio da Matéria</b>	<b>10</b>
Ilídio Salteiro	
<b>Manuel António Pina: das matérias ao imaginário</b>	<b>16</b>
João Paulo Queiroz	
<b>Manuel António Pina: Elogio da Matéria</b>	<b>24</b>
Ilídio Salteiro e João Paulo Queiroz	
<b>Manuel António Pina: Elogio da Matéria</b>	<b>27</b>
<b>Organização</b>	<b>50</b>
<b>Notas biográficas dos artistas</b>	<b>52</b>

O presente livro faz parte de um percurso que foi iniciado em Novembro de 2018 com a realização – em S. Paulo, Porto e Lisboa – das primeiras Jornadas Internacionais dedicadas a Manuel António Pina. Comemorando o 75º aniversário do poeta, as Jornadas *Desimaginar o Mundo – Manuel António Pina* partilham o nome com o projecto de investigação que as integra e que se prolongará no tempo, abrindo lugares (em espaços físicos e digitais) capazes de convocar, fomentar, acolher e conectar as mais imprevisíveis propostas de leitura (nas mais diversificadas formas de linguagem) da Obra de Manuel António Pina, fazendo-a assim *crescer na multiplicação de legibilidades*.

Desdobrando-se, através de diferentes iniciativas, entre as cidades de São Paulo, Porto e Lisboa, as Jornadas *Desimaginar o Mundo – Manuel António Pina 2018* cumpriram, na circunstância que criaram (nas diferentes datas e nos diferentes lugares onde aconteceram) o seu propósito inaugural: chamar o escritor ao espaço público, ler e dar a ler Manuel António Pina, falar do seu pensamento e da sua escrita, desafiar leitores e artistas a abrir perspectivas de reflexão e a propor leituras da sua obra, em diferentes linguagens, a várias vezes.

Terminado o tempo do seu próprio acontecimento, as Jornadas podem dar lugar à publicação dos livros que, regressando ao que foi feito, recompõem o que fica(rá), agora noutra espaço, noutras circunstâncias, estabelecendo novas relações de convocação e de partilha.

Os livros *Desimaginar o mundo*, *descriá-lo* e *Dos olhos e da matéria* são as duas primeiras publicações destinadas à partilha e disseminação de algumas propostas textuais e artísticas que, de diferentes formas, estabelecem relações de diálogo com a escrita e com o pensamento de Manuel António Pina.

O autor que nos desafia a «desimaginar o mundo» incita-nos a desfazer limites que separem domínios no pensar, a desdizer preceitos e ideias feitas. Porque o «mundo» – o nomeável – é já uma construção do pensamento

humano (com todas as mais contraditórias interpretações de que é capaz). *Desimaginar* toda e qualquer interpretação que se queira impor como realidade única é o caminho de pensamento que Manuel António Pina nos incita a atravessar: «Sem horizonte ou lua, sem vento / nem bandeira» (Pina, 2012: 231). Face à hipótese de que «já tudo é tudo», o acto de ler uma obra literária não pode senão ser irredutível à dimensão da linguagem verbal. Esta irredutibilidade da leitura à palavra ou ao discurso liberta a própria escrita dos constrangimentos do código linguístico que é o seu.

Fomentar a conexão da linguagem verbal com outras linguagens, outras técnicas, outros olhares – da pintura, da fotografia, do cinema, etc. – que *fa-lem com* ou *a partir das* palavras – ou até *sobre* elas, como um palimpsesto – é já um modo de *ler* Manuel António Pina, um modo de chegar um pouco mais longe (ou um pouco mais perto) na compreensão do que no poema «O livro» se afirma assim: «O que o livro diz é não dito» (Pina, 2012, p. 299).

É o «não-dito» – o que escapa sempre ao interpretado – que todas as palavras procuram; será também, talvez, o «não-dito» o que toda a arte procura, mesmo a que não tem na palavra a sua matéria-prima. O *não-dito* é, indecidivelmente, o que cria a necessidade de uma *forma* e o que essa mesma forma cria. *Desimaginar o mundo* é nunca desistir de escutar o «infallível», impedir o fechamento dos textos e das imagens no definido, no definitivo, *dando* lugar (eis a dádiva!) ao que fica, sempre, a cada vez, *por dizer*, ao que fica, em cada obra, *para ser dito*, *para ser visto* ou: «para ser escrito». (Pina 2012 p. 95).

Todo o gesto de leitura (e multipliquemos-lhe os sentidos) é já um acto de transformação, isto é, de (re)criação. Uma interpretação é sempre irredutível ao texto (ou à imagem) de que parte e não pode ser tomada, sem desvio, como seu efeito. Interpretar é assumir uma autoria, receber a responsabilidade da proposta, partilhar um olhar ou um ponto de vista, respondendo por ele. Assim se *desimagina o mundo*, mantendo-o criativo.

Manuel António Pina, o escritor que se descreve a si mesmo como «um leitor lendo-se a ler» (Sousa Dias, 2016, p. 61), solicita-nos essa liberdade e esse risco, incitando-nos à experiência e ao prazer de ler *de todas as maneiras!*

### **Bibliografia**

Pina, Manuel António. (2012). *Todas as Palavras – Poesia reunida*. Lisboa: Assírio & Alvim.

Sousa Dias (Org.) (2016). *Dito em Voz Alta, Entrevistas sobre literatura, isto é, sobre tudo* (2000-2012). Lisboa: Sistema Solar [Documenta].



**Ensaio**

1

*Elogio da Matéria* é uma exposição de pintura realizada na Sociedade Nacional de Belas Artes com o objetivo de homenagear e lembrar Manuel António Pina (1943-2012), um poeta nascido no Sabugal, com uma importante obra (Pina, 2011). A escolha e seleção dos trabalhos foi da responsabilidade curatorial de Ilídio Salteiro e João Paulo Queiroz e conta com a participação de onze artistas, muito jovens, em início de percurso, dois deles com apresentação em parceria.

A seleção dos artistas e a escolha das obras efetuou-se no âmbito das atividades letivas da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, e partiu do princípio de que, apesar de os autores e objetos estarem num processo de formação em escola, estão a realizá-la a um nível de ensino superior. Este facto é uma consequência clara e evidente de opções tomadas anteriormente, com muitos anos de trabalho e investimento em áreas artísticas. Por isto, porque não há outra razão que não seja a arte para as prioridades da sua vida, consideramos todos os que se encontram nestas circunstâncias artistas de pleno direito desde o momento da sua entrada naquela instituição. O resto das legitimações compete a outros circuitos ou sistemas, posteriores a este modo de estar em estudo, em investigação e na experimentação e concretização da obra.

São jovens artistas que diariamente fazem, partilham e expõem o seu trabalho nos espaços-atelier de uma faculdade de belas-artes. Trabalhos em diferentes fases de realização, com acompanhamento docente muito diferenciado, mas com uma capacidade de interação visual com toda a população desse espaço, como obras verdadeiramente abertas (Eco, 1989). Obras sujeitas a múltiplas interpretações, consoante são observadas por colegas de profissão, por docentes ou por frequentes visitas externas. Obras imbuídas de um vasto universo de ocorrências sucessivas, com alterações, transformações ou transsubstanciações, cuja entropia reforça as intenções do artista,

fazendo com que a informação recebida, observada ou contemplada, dispo-  
nha de imensas possibilidades de entendimento.

## 2

Uma entropia (Arnheim,1974) verificável quando, regular ou periodicamente, entramos ou estamos em contacto direto com formandos em processo e métodos formativos, tanto os teóricos como os práticos, promotores de uma renovação semestral com obra feita em salas-atelier onde, no início, todos os utensílios, materiais e mobiliário, se encontram organizados. No meio deste processo, estamos na presença do caos absoluto e no final tudo se harmoniza.

Conforme se vão utilizando e alterando matérias físicas ao longo do semestre, todo esse espaço-atelier, ou oficina, naturalmente, se desorganiza. Nesse tempo de grande criatividade, ocorrem verdadeiras batalhas artísticas travadas, intensamente, no íntimo de cada artista, contribuindo para a descoberta de caminhos e futuras ordenações. Quanto maior for o empenho despendido na alteração ou transformação dessas matérias em formas estéticas, maior será a desordem causada. É um fenómeno muito similar ao que sucede quando um copo com água cai no chão: tudo se altera, o vidro, a água. É o caos! No entanto o copo ficou desfeito em várias partes e a água derramada perdeu a forma. É impossível fazer regressar aquela água ao copo, assim como é impossível retroceder uma entropia. Do mesmo modo, no atelier, depois de uma obra feita, é impossível retroceder. E nada ficará como antes, porque a dimensão espaciotemporal desse ato não permite o regresso a um estado anterior. O tempo avança continuamente! E, no final, verifica-se que o «culpado», tanto para o bem como para o mal, é o artista.

## 3

Foi com este pensamento que surgiram onze artistas para um poeta. São eles Ânia Pais, Clara Correia, Tiago Santos, Pedro Tinoco, Maura Gonçalves, Sofia Nabais, Cecília Corujo, Julieta Juliana, Rita Alves, Rita Leitão e João Massano, filtrados por um olhar exterior assente na poesia de Manuel António Pina.

A força da arte e da poesia comprova-se pela capacidade que têm de gerar o caos no espírito humano, transformando matéria em obra disponível para muitas leituras, interpretações e conclusões. Por isso, a causa maior deste

encontro é o poeta, a poesia, a arte e a singularidade desta exposição de pintura como uma unidade.

O resultado de muitas entropias origina a presente solução, partilhando, confrontando e procurando equilibrar o caos até tudo repousar na harmonia. Porque a poesia e a pintura são arte quando são obras abertas (Eco, 1989), sem constrangimentos interpretativos, pré ou pós definidos, e quando são arte viva, sem tempo, com a função de, sucessivamente, estabelecerem outros paradigmas (Kuhn, 1971) ou de atualizar conceitos por vias não imperativas.

#### 4

Onze artistas que iniciam o desenho do seu poema, ou seja, a planificação da sua viagem pela procura incessante da dimensão artística das coisas (Heidegger, 1999) baloiçando entre o mundo da técnica e o mundo da estética, em sintonia com o seu tempo. Recordando-nos frequentemente Lagoa Henriques, um escultor, poeta e professor, de quem mantemos uma reconhecida e grata memória, que repetia inúmeras vezes a seguinte frase, como meio de nos introduzir no pensamento sobre arte:

*O grande problema do nosso tempo é conciliar a técnica com a ética, a estética e a poética.*

Um pensamento difícil de perceber no mundo consumista e materialista atual, mas que é verdadeiro. Um pensamento capaz de gerar a energia necessária para fazer essa planificação de ideias com capacidade de concretizar matéria em obras abertas à interpretação global, porque nem tudo o que parece é, nem *ceci n'est pas une pipe* (Magritte, 1928-1929) e porque tudo está em permanente atualização. Sem uma «atualização» a obra morre ou quando muito restará na memória de poucos.

#### 5

Nos trabalhos e nos autores selecionados encontramos quatro vetores indicando percursos e propostas bem diferentes. No entanto todas acentuam a presença da pintura como espaço de introspeção sobre a dimensão estética e poética, em sintonia com uma ideia de atualização do passado no presente.

Essas linhas podem ser resumidas em quatro grupos que começam pela abstração, geometria e construção, pela espacialidade incógnita com diálogos

de luz entre figuração e contemplação, pela matéria e formas híbridas resultantes de transformações exercidas sobre ela, e pelas figurações de quotidianos inusitados que revisitam os géneros clássicos da pintura.

Em João Massano percecionamos espaços ao mesmo tempo entreabertos e fechados, construções que simulam arquiteturas com intensos campos de cor e representações de espaços com um forte valor perspético que finge uma terceira dimensão. Tudo, justaposto, confere ao seu projeto artístico um valor objetual, presente como obra com capacidade para nos propor uma análise sobre os contrastes do vórtice do nosso presente. Constatamos no seu trabalho o valor da abstração, a presença de espaços dicotómicos definindo ambiguidades sobre espaços de dentro e espaços de fora, através do desenho de limites e vãos por onde trespassa uma ideia de luz simbólica de vida e comunicação. Uma cor-luz que poeticamente desenha, constrói e dá a ver espaços com *...algum grau de abstração e sem um plano rigoroso...* (Manuel António Pina, *Como desenhar uma casa*).

Ânia Pais, pertencendo ao entendimento da Pintura como abstração formal e matérica, caminha pela fisicalidade da luz como elemento compositivo, propiciador de transparências e de velaturas. Faz da experimentação, de matérias, instrumentos, processos e tecnologias, o seu universo de investigação. Dominando diversos meios tecnológicos, os dois panos que apresenta nesta exposição, riscados horizontalmente, negros mas não opacos, constituem vãos que escondem um *...jardim impresente* (Manuel António Pina, *Como desenhar uma casa*). Em Ânia Pais a consciência é totalmente dominada pela intuição, a qual se constitui como a chave do seu processo artístico.

Em Tiago Santos, o negro e a luz modelam espaços de grande profundidade física e mental, quase parecendo *maneira negra*, feita de manchas e texturas com uma forte dimensão expressionista. Em *Dias de Glória*, um carvão, óleo e pastel seco sobre papel, constata-se um recorte em contraluz que resulta num cântico inaudível, silenciosamente visual, ou seja, poético, como que perguntando se estaremos *...ainda perto da Luz...*, enquanto que do outro lado, num segundo trabalho sem título, no meio de uma sala em penumbra, ouvir-se-á «*Quem pergunta isto?*» (Manuel António Pina, *Estarei ainda perto da luz*).

Sofia Nabais também contém na luz o elemento de destaque compositivo para além dos olhares que nos fitam como iguais. Olhares de seres vivos integrados na natureza como paisagem naturalista revisitada, fortes, diretos,

surpreendidos e atentos pela nossa presença, como se estivessem mirando e inquirindo o seu observador escondido atrás de uma máquina fotográfica, que se pressupõe. Tratam-se de composições dominadas por um contraste claro-escuro, com subtis velaturas de meias tonalidades monocromas, com uma dinâmica figurativa e contemplativa onde o assunto verdadeiramente explicitado será quem contempla quem? O observador ou o representado?

A matéria e formas híbridas resultantes de transformações exercidas sobre ela, e as dinâmicas de instalação como expansão do campo pictórico, podemos vê-las nos trabalhos de Clara Correia e Rita Alves, com processos de desordenação e reordenação, de descomposição e recomposição de objetos, ou componentes deles. Os seus trabalhos apresentam-se como um conjunto de pinturas-objeto, de dimensões, formatos e posicionamentos instalativos muito variados. São objetos-entidades, verdadeiramente compostos e finalizados quando se expõem, que não representam nada mais além de si mesmos, com a função de ... *desimaginar o mundo, descriá-lo...* (Manuel António Pina, *A Ferida*) na procura da posição, da ordem, da harmonia.

Por fim em cinco artistas dos quais dois se constituem como dupla, constatamos a presença do quotidiano numa pintura onde a figuração e o espaço são os elementos compositivos maiores, registando, por retratos, paisagens, naturezas mortas, as coisas e os seres humanos, personificados e efabulados.

Maura Gonçalves, que se assume como versátil e experimentalista, trabalhando diferentes áreas artísticas, mas focada sobretudo na Pintura, expõe pequenas pinturas imbuídas de um agradável e despretenso sabor, ricas em cultura artística e saber pictórico, revisitando modernismos, fauvismos, expressionismos, lirismos, tal qual os ...*murmúrios* (Manuel António Pina, *Os Livros*) das mitologias do nosso quotidiano, muito intimistas e salientadas com títulos onde uma dimensão poética se encontra evidente: *Espelho meu, O que deixaste para trás e Desvio*.

Também Rita Leitão representa espaços intimistas, em figurações de naturezas condicionadas por vasos, quase neocezannianas. Os seus títulos, *Por entre verdes, Dentro dos vasos e Cinzas*, são um complemento oferecido ao observador com dimensão formal e estrutural. Em termos compositivos aplica as regras da natureza morta, como género artístico da Pintura, já clássico, mas surpreende pela densidade matéria e expressiva que emanam.

Pedro Tinoco, como artista, caminha pela sensibilidade intuitiva explorando as mitologias do nosso quotidiano, trabalhando sobre o imaginário

de muitos outros artistas, desde Goya a Ensor, e escrevendo pela pintura narrativas visuais, ricas em cor, textura e desenho, que provocam a efabulação dos nossos próprios mitos. Por isso são obras abertas a todos os títulos, ou aos títulos que a dimensão poética de cada um de nós lhe atribuir.

Em Cecília Corujo e Julieta Juliana encontramos como elemento primeiro uma duplicidade em arte, um eu e um outro, essa tendência para nos reconhecermos através do outro, como a poesia se reconhece na pintura e a pintura se reconhece na poesia. Não existirá uma sem a outra. A forma por si, apenas, não basta. São sobretudo retratos acerca da existência do outro em si mesmo.

A relação entre a palavra e a imagem é coisa muito antiga e temos toda a pintura e escultura europeia para o afirmar (Pala, 1996). Nesta exposição cada obra em sentido coletivo afirma a sua autonomia em absoluto, homenageando Manuel António Pina, com a dimensão estética e poética contida para além da forma explícita por si mesma. Mostram as utopias das construções de mundos imaginários, os espaços onde a luz é a metáfora da vida e da contemplação, os ensaios e experiências para uma reordenação da matéria e as visões das coisas simples que vivemos e que nos cercam todos os dias. É também um encontro de onze artistas em início de percurso, cuja obra denota que enveredarão por processos abertos ao pensamento e sensíveis aos outros e ao mundo.

#### **Referências bibliográficas:**

Arneim, Rudolf (1974). *Entropy and Art: An Essay on Disorder and Order*. Berkeley: University of California Press.

Eco, Umberto (1989). *Obra Aberta*, Tradução João Rodrigo Narciso Furtado, Lisboa: Difel, ISBN: 972--29-0039-0.

Heidegger, Martin (1999). *A Origem da Obra de Arte*. Lisboa: Edições 70.

Kuhn, Thomas (1971). *Las revoluciones científicas*. México: Fondo de Cultura Económica.

Pala, Maria José (1996). *A Palavra e a Imagem, ensaios sobre Gil Vicente e a pintura quinhentista*. Lisboa: Editorial Estampa.

Pina, Manuel António (2011). *Poesia, Saudade da Prosa, uma antologia pessoal*. Lisboa: Assírio e Alvim.

A representação é uma das instâncias da substituição onde se inscreve a linguagem, e também a imagem. Substituir é assunto das palavras, e a substituição está por trás das coisas, do pensamento.

Neste texto irei partir de um gato, um lugar de duplicação referido algumas vezes por Manuel António Pina na sua poesia, e que também passeia aqui, fora do livro, enquanto escrevo. Como as palavras, este gato representado duplica-se de novo, entre o interior e o exterior. É um gato que reside na linguagem, coisa que nos une, os que somos hoje e os que fomos ontem, as palavras e as coisas, os vivos e os mortos.

O gato conduz a revisão sobre as coisas e as palavras, visitando aquilo que nos habita: as substâncias, os acidentes, os signos, e o que deles fazemos, o imaginário.

### 1. Substância

Às vezes o gato fitava  
com estranheza  
o que de nós (um excesso)  
se interpunha entre nós e o gato,  
a nossa presença.

Manuel António Pina, *Theo* (2012:220)

Antes das palavras, uma anotação sobre o imaginário das substâncias.

Aristóteles (384-322 a.C.), no segundo livro do *Organon*, em *Peri Hermeneias*, descreve ‘substância’ como uma modalidade em que a matéria se manifesta em algo com uma forma.

As substâncias primeiras são coisas particulares, percebidas pelos sentidos. Estes veículos da ‘essência’ apresentam sempre ‘acidentes.’

As substâncias segundas são os universais. Estão para além dos particula-

res e são percebidos já pelo pensamento. O conhecimento dos universais depende da prévia ocorrência de particulares, enfim, das coisas em circunstância, em ocorrência. Os universais não apresentam acidentes.

A essência é identidade consigo mesma, entidade interna e una sem a qual tudo é mistura e indeterminação.

Aristóteles enuncia nove predicados possíveis para um ser. Para além da substância (οὐσία, *substantia*), temos a quantidade (ποσόν, *quantitas*), a qualidade (ποιόν, *qualitas*), a relação (πρός τι, *relatio*), o lugar (ποῦ, *ubi*), o tempo (ποτέ, *quando*), o estado (κεῖσθαι, *situs*), o hábito (ἔχειν, *habere*), a ação (ποιεῖν, *actio*) e a paixão (πάσχειν, *passio*).

Estas categorias só podem ser conhecidas diretamente, só podem ser percebidas. Não são conhecimentos, são sim bases para o conhecimento. Permitem dizer que algo é, ou está.

## 2. Acidente

«O gato olha-me

ou o meu olhar olhando-o? (1-2)

Manuel António Pina, *Nenhuma música* 2012:209

As coisas que se organizam em essência e se autonomizam como entidades, ocorrências, são afectadas por acidentes. O acidente é aquilo que não é necessário num ser, sem o qual o ser não deixa de ser o que é, seja pela ausência ou pela presença. Os acidentes são atributos do ser que não o definem.

Espinosa (1632-1677) entende por substância «o que é em si e é por si concebido; ou seja, o cujo conceito não necessita do conceito de outra coisa para ser formado.» (*Per substantiam intelligo id quod in se est et per se concipitur; hoc est id cuius conceptus non indiget conceptu alterius rei, a quo formari debeat*) (Ética: I, Definitiones III) A substância não é constituída por outro ser, ela é em si mesma. Sem acidentes ou qualidades, a substância não se pode distinguir uma da outra: a substância é infinita.

Kant (1724-1804) considera que os acidentes são as determinações da substância, ou seja, que sem os acidentes, as substâncias não são pensáveis, ou sequer percebíveis (*Crítica da Razão Pura*: II-Analítica dos princípios, Primeira Analogia).

### 3. Palavra

...  
o poema que fizesse  
fazia deles gatos abstractos,  
literários, gatos-palavras, (27-29)

...  
tendo assim uns gatos em minha casa  
e outros na minha cabeça (39-40).

Manuel António Pina,  
*Uma prosa sobre os meus gatos* (2012:270)

Alguns dos signos são palavras, ditas ou escritas. Descreve Santo Agostinho (354-430 d.C.):

Ora, ao vibrar no ar, as palavras logo desaparecem, e não duram mais longamente do que ao ressoarem. Para serem fixadas, então, foram instituídos seus signos, por meio das letras. Assim, as palavras manifestam-se aos olhos não por elas próprias, mas pelos sinais que lhe são próprios.

*(Sed quia verberato aere statim transeunt nec diutius manent quam sonant, instituta sunt per litteras signa verborum. Ita voces oculis ostenduntur, non per seipsas, sed per signa quaedam sua.)*

(A Doutrina Cristã, 2014: II, ii, 5).

Uma palavra é um dos possíveis signos, ou seja, «um signo de algo, que pode ser entendido pelo ouvinte quando é pronunciado pelo orador» (*uniuscuiusque rei signum, quod ab audiente possit intelligi, a loquente prolatum*) (Agostinho, *De Dialectica*, VII 6 ap. Meier-Oeser). «Falar é dar ao signo voz articulada,» (*Loqui est articulata voce signum dare*) (*id., ib.*).

A palavra é um caso muito particular de signo. Afinal um signo é qualquer coisa. Qualquer coisa que veicula outra coisa ausente: «Signo é qualquer coisa que se apresenta aos sentidos e que revela uma outra coisa ao intelecto» (*Signum est quod se ipsum sensui et praeter se aliquid animo ostendit*) (*id. Ib.*). Ou, de outra forma, «Um signo é algo que, oferecendo-se aos sentidos, refere algo diferente ao intelecto» (*Signum est enim res, praeter speciem quam ingerit sensibus, aliud aliquid ex se faciens incogitationem venire*) (Agostinho, *A Doutrina Cristã*: II, ii, 1). Mais simples é a proposta do português Petrus Margallus (ou Pedro Margalho, 1474-1576): «signo é uma coisa que faz pensar» (*signum est res faciens cogitare*) (Petrus Mar-

gallus, *Logices utriusque scholia in diui Thomae subtilisque Duns doctrina ac nominalium*, 1520:146, ap. Meier-Oeser).

#### 4. Mediação

...

o gato dormindo por fora  
a avó dormindo por dentro (11-12)

Manuel António Pina, *A avó* (2012:323)

São os signos assim divididos em duas classes principais: os *signa naturalia* e os *signa data*. (*Signorum igitur alia sunt naturalia, alia data*) (Agostinho, *A Doutrina Cristã*, 2014: II, ii, 2), ou seja os ‘signos naturais’ e os ‘signos dados’ (ou convencionais). Os signos dados «são os que todos os seres vivos trocam entre si para manifestar — o quanto isso lhes é possível — os movimentos de sua alma, tais sejam as sensações e os pensamentos.» (*Data vero signa sunt quae sunt sibi quaeque viventia invicem dant ad demonstrandos quantum possunt motus animi sui vel sensa aut intellecta quaelibet*) (*id, ib. II, ii, 3*). Alguns dos signos dizem respeito ao sentido da visão, muitos ao sentido da audição, e muito poucos aos outros sentidos (*id, ib. II, ii, 5*).

Agostinho divide também os signos em «próprios» (*signa propria*) ou «figurados» (*signa translata*):

São chamados próprios quando empregados para designar os objetos para os quais foram convencionados. Por exemplo, dizemos: boi, e relacionamos com o animal que todos os homens de língua latina denominam por esse nome.

Os signos são figurados quando as mesmas coisas, que denominamos com seu termo próprio, são também tomadas para significar algo diferente. Por exemplo, dizemos: boi e por essa palavra entenderemos o animal que se costuma chamar por esse nome e, além disso, entenderemos que se alude ao pregador do evangelho, conforme o deu a entender a Escritura na interpretação do Apóstolo, que disse: ‘Não amordaçarás o boi que tritura o grão’ [1Cor 9,9] (Agostinho, *A Doutrina Cristã*, II, x, 15).»

*(Sunt autem signa vel propria vel translata. Propria dicuntur, cum his rebus significandis adhibentur, propter quas sunt instituta, sicut dicimus bovem, cum intellegimus pecus, quod omnes*

*nobiscum latinae linguae homines hoc nomine vocant.*

*Translata sunt, cum et ipsae res quas propriis verbis significamus, ad aliquid aliud significandum usurpantur, sicut dicimus bovem, et per has duas syllabas intellegimus pecus quod isto nomine appellari solet, sed rursus per illud pecus intellegimus Evangelistam, quem significavit Scriptura, interpretante Apostolo, dicens: Bovem triturantem non infrenabi) (id, ib. II, x, 15).*

Pedro Abelardo (1079–1142) introduz a divisão entre *signa significantia* e *signa significativa* (voce ou *signa*), ou seja os simples signos presentes e aqueles que convencionalmente veiculam significados (Abelardo, «Glossae Supra Peri Hermeneias» in *Logica Ingredientibus*, 3.2.10 a 3.2.13).

Entre todos, uma crescente mentalização do signo, do signo externo para o signo interno.

## 5. Representação

Os gatos velhos e os homens jovens  
não se interessam por coisas fúteis como  
palavras escrevendo e gatos atentos,  
têm pouco tempo, sobretudo por dentro (8-12).

Manuel António Pina,  
*Teoria da composição: a pequena gata* (3) (2012:327)

Em Aristóteles (em *Peri Hermeneias*) apenas as palavras podiam ‘significar.’ As sensações, os perceptos e as representações mentais (*passiones animae, intellectus, conceptus*) eram considerados similitudes (*similitudines*) e não signos. Isto faz com que se recorra a outros termos: «representação» (*facere praesens, repraesentare, repraesentatio*). Estes, agora signos mentais (*signum mentale*), começam a agregar-se à ciência da interpretação. Assim a especulação alarga o seu âmbito a todos os signos naturais e não apenas aos convencionais. O mundo dos signos alarga-se das palavras para todas as coisas, num descentramento para o infinito: «todas as coisas do mundo são signos» (*omnis res mundi est signum*) (Petrus Margallus, *Logices utriusque scholia*, 1520:146, ap. Meier-Oeser). Surge o *abyssus in significando*, que se refere à proximidade do infinito não significante, ou não intencional (John Major: *Introductorium perutile in Aristotelis dialecticen*, 1527:14ra ap. Meier-Oeser). Todo o conhecimento, ou ciência, é sobre signos ou coi-

sas significadas (*scientia omnis aut est de signis aut de rebus significatis*) (Ps.-Robert Kilwardby: *Super Priscianum Maiorem*, 1.0, ap. Meier-Oeser).

## 6. Verbum mentis

Em cada gato há outro gato  
um pouco menos exacto  
e um pouco menos opaco (1-3).

...

É o segundo gato  
que permanece acordado  
com o gato afundado  
em sono abstracto,  
aos seus pés enrolado,  
espécie de gato do gato. (10-15)

...

Manuel António Pina, *O segundo gato*, (2012:324)

O *verbum mentis* de Santo Agostinho (mundo mental, intelecto) é *nullius linguae*, ou seja, não corresponde a uma língua. Contudo refere-se ao conceito mental que torna possível qualquer língua: o *verbum interius*, que posiciona a palavra falada como signo falado (*signum verbi*). Assim se desenrolam as cogitações (*cogitationes*) (Agostinho, *De Trinitate*: XV 11 20). Anselmo (1033-1109) desenvolve o conceito *verbum mentis*: as *verba naturalia* são semelhantes para todas as gentes, e correspondem a imagens e a similitudes das coisas (Anselmo, *Monologion*, 2000:21). Assim vai-se reafirmando uma *grammatica speculativa* que segue o conceito aristotélico (*De Interpretatione*: 1.16a 3–9) de aos conceitos mentais corresponderem coisas num processo idêntico para todos os homens, e para além da diversidade das línguas.

Começa-se a considerar as similitudes como signos internos, ou como uma das ocorrências dos signos, agora externos ou internos. Assim as não entidades, ou as entidades mentais, podem ser significadas: desdobra-se o universo sígnico num novo mundo mental.

## 7. Phantasia

...  
O próprio gato  
não sabe  
que anda por ali  
algo que não cabe  
dentro nem fora de si.

Manuel António Pina, *O segundo gato* (2012:324)

Roger Bacon (1214-1292) apresenta o conjunto de tratados talvez mais empolgante desta época, reunido na *Opus Majus* (1267). No capítulo II da parte que respeita à óptica introduz o conceito de *Phantasia*, depois de lembrar que a visão é o mais importante dos sentidos, pois que a audição pode dar fé, mas não dá a prova. Acompanha-se a síntese analítica da edição de John Henry Bridges:

...  
The brain has distinct chambers, or cells, each of which has its own function. In the anterior part of the cell is 'sensus communis.' This takes cognizance of, and distinguishes, the impressions brought by each special sense. But is unable to retain these impressions, being loose and slippery. In the back part of the same cell there is therefore the organ of Imagination, which, being neither too moist or too dry, can retain and store up the material received by 'sensus communis.' The combined operation of these two organs is called 'Phantasia.'

(Tábua analítica a Roger Bacon: 'Opus Majus,' por John Henry Bridges)

Roger Bacon regressa às substâncias, para nelas procurar o lugar onde a sensação (*sensus communis*) se liga à imaginação, para estes dois órgãos poderem gerar a *Phantasia*.

## 8. Conclusão

Leio e desconfio deste livro, deste texto, destas palavras que soltaram o gato duplicado. Silencioso, ele passa indiferente, entre mim e ti.

Penso no que me trouxe aqui: as coisas, as substâncias, os acidentes, os signos, as vozes, as palavras, os livros. Leio agora Mallarmé (1893:188) que compara as palavras a coisa antiga, que passa de pessoa para pessoa, como se passa de mão em mão uma moeda desgastada:

Narrar, ensinar, mesmo decifrar, cela va et encore qu'à chacun suffirait peut-être, pour échanger la pensée humaine, de prendre ou de mettre dans la main d'autrui en silence une pièce de monnaie...

O gato duplicado passeia pela sala, como a voz do livro passeia por nós, velha moeda.

É gato estranho, este velho conhecido.

### Referências bibliográficas

- Abelardo «Glossae Supra Peri Hermeneias» in *Logica Ingredientibus*, [em linha] Acessível em <http://www.logicmuseum.com/wiki/Authors/Abelard/logica/GSPer>
- Aristóteles (1985) *Organon I: Categorias / II: Periérmeneias*. Trad. Pinharanda Gomes. Lisboa: Guimarães.
- Espinosa, Bento (1992) *Ética*. Trad. António Simões, Joaquim de Carvalho, Joaquim Ferreira Gomes. Lisboa: Relógio D'Água. ISBN 9789727081660.
- Mallarmé, Stéphane (1893) «Divagation première Relativement au vers» In *Vers et Prose*, Perrin et Cie [em linha] (p. 172-194). Disponível em [https://fr.wikisource.org/wiki/Vers\\_et\\_Prose\\_\(Mallarm%C3%A9\)/Divagation\\_premi%C3%A8re](https://fr.wikisource.org/wiki/Vers_et_Prose_(Mallarm%C3%A9)/Divagation_premi%C3%A8re)
- Meier-Oeser, Stephan, «Medieval Semiotics», *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Summer 2011 Edition), Edward N. Zalta (ed.), URL = <<https://plato.stanford.edu/archives/sum2011/entries/semiotics-medieval/>>.
- Pina, Manuel António (2012) *Todas as palavras: poesia reunida*. Porto: Assírio & Alvim / Porto Editora. ISBN 978-972-0-79293-8
- Roger Bacon (1900) 'Opus Majus.' London: Williams and Norgate, 1900. [em linha] Disponível em [http://capricorn.bc.edu/siepm/DOCUMENTS/BACON/Bacon\\_Opus%20Majus%20I.pdf](http://capricorn.bc.edu/siepm/DOCUMENTS/BACON/Bacon_Opus%20Majus%20I.pdf)
- Santo Agostinho (2007) *De Trinitate / Trindade*. Lisboa: Paulinas. Disponível em [http://www.lusosofia.net/textos/agostinho\\_de\\_hipona\\_de\\_trinitate\\_livros\\_ix\\_xiii.pdf](http://www.lusosofia.net/textos/agostinho_de_hipona_de_trinitate_livros_ix_xiii.pdf)
- Santo Agostinho (2014) *A Doutrina Cristã [De Doctrina Christiana]* Lisboa: Paulus. Tradução do original latino, cotejada com versões em francês e espanhol e introdução Ir. Nair de Assis Oliveira, csa. Lisboa: Paulus ISBN 9788534937276. Disponível em <https://catolicotridentino.files.wordpress.com/2017/11/patrc3adstica-vol-17-a-doutrina-crista-santo-agostinho.pdf>
- Santo Anselmo (2000) *Monologion*. Minneapolis: The Arthur J. Banning Press. [em linha] Disponível em <http://jasper-hopkins.info/monologion.pdf>

A propósito da obra poética de Manuel António Pina (1943-2012), que teria completado 75 anos de idade, juntamos, num mesmo evento, as poesias *A Ferida*, *Os Livros*, *O Regresso*, *Como se Desenha uma Casa*, e *Estarei muito perto da Luz*, à dimensão plástica da pintura de dez artistas, Ânia Pais, Rita Alves, Cecília Corujo & Juliana Ferreira, Clara Correia, João Massano, Maura Gonçalves, Pedro Tinoco, Rita Leitão, Sofia Nabais e Tiago Santos. Estamos perante um novo nível de criação: ver poesia, ler pintura.

É um conjunto de trabalhos que reflete verdade, pureza, empenho, dedicação e profissionalismo, neste grupo de artistas, os quais se encontram, desde há muito tempo, no processo de construção da arte, procurando-a incessantemente, obra após obra.

Podemos encontrar quatro linhas direcionais, no conjunto de trabalhos apresentados, indicando percursos e propostas bem diferentes, mas todas em sintonia com uma ideia de presente. Essas linhas são incluem a geometria e a construção, a luz e a espacialidade incógnita oferecida a um olhar contemplativo, a matéria e as resultantes híbridas de ações diretas sobre ela e, por último, as figurações de muitos quotidianos inusitados.

Em João Massano e Ânia Pais constatamos o valor da abstração, os contrastes entre espaços, definindo lados de dentro e lados de fora, através de limites e vãos por onde trespassa a luz simbólica da vida e da comunicação. Uma cor-luz que desenha, constrói e dá a ver espaços com *...algum grau de abstração e sem um plano rigoroso...* (Manuel António Pina, *Como desenhar uma casa*).

Em Tiago Santos e Sofia Nabais o negro e a luz modelam espaços de grande profundidade física e mental, quase parecendo naturalismo revisitado, com manchas de carvão e com uma forte dimensão expressionista.

E um recorte de luz dá-lhes um cântico inaudível, silenciosamente visual, ou seja, poético, como que perguntando se estaremos ...*ainda perto da Luz...* (Manuel António Pina, *Estarei ainda perto da luz*)

A questão das matérias é perceptível nas propostas de Clara Correia e Rita Alves. Os seus trabalhos apresentam-se como um conjunto de pinturas-objetos, de dimensões, formatos e posicionamentos instalativos muito variados. São objetos-entidades que não representam nada mais além de si mesmos, com a função de ... *desimaginar o mundo, descriá-lo...* (Manuel António Pina, *A Ferida*) procurando sempre outros reposicionamentos que lhe deem uma outra ordenação.

Por fim, a presença do quotidiano está na figuração de Maura Gonçalves, Cecília Corujo & Juliana Ferreira, Pedro Tinoco, e Rita Leitão com pequenas pinturas imbuídas de um agradável e despretenso sabor, ricas em cultura artística e saber pictórico, revisitando modernismos, fauvismos, expressionismos, lirismos, como ...*murmúrios* (Manuel António Pina, *Os Livros*) de muitos quotidianos registados em retratos, paisagens, naturezas mortas, com coisas e seres, humanos, personificados e efabulados.

Partindo também da obra do poeta apresentam-se neste volume textos de ensaio que se debruçam sobre a transversalidade da criação, numa adesão viva ao pensamento criador de Manuel António Pina.



# Manuel António Pina: Elogio da Matéria



1.



2.

1. *Sem título*, 2018. Acrílico s/pano, 218 x 113 cm
2. *Sem título*, 2018. Acrílico s/pano, 218 x 113 cm



1.



2.



3.

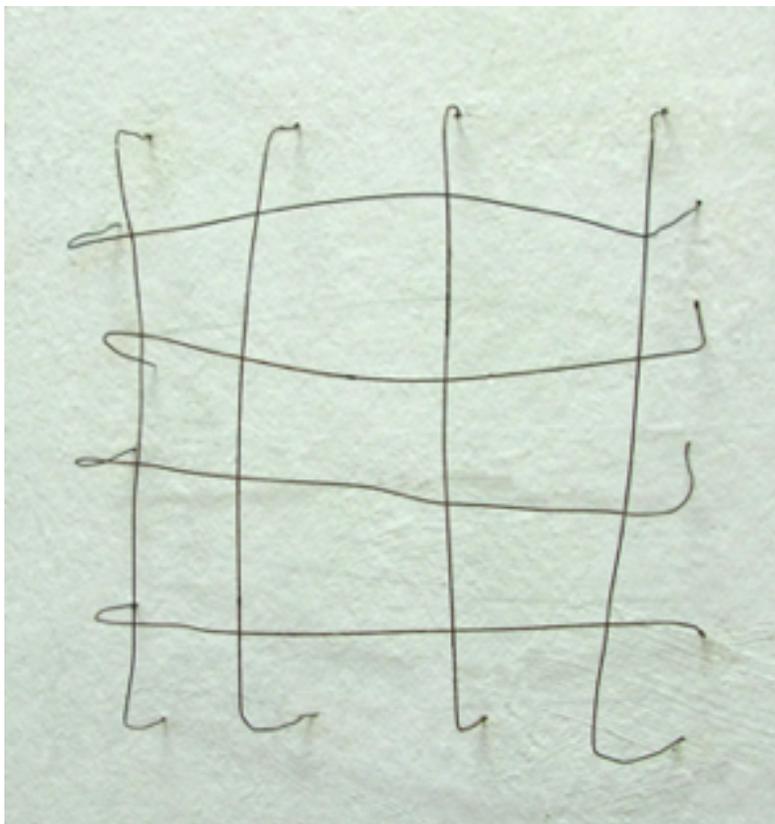


4.



5.

1. Cecília Corujo, *Fear the Future*, 2018. Esferográfica e lápis de cor s/ papel, 42 x 29 cm
2. Cecília Corujo, *Juliette*, 2018. Óleo s/ papel, 12 x 12 cm
3. Juliana J. Ferreira, *Orange Hair*, 2017. Óleo s/ papel, 14 x 14 cm
4. Juliana J. Ferreira, *Bandage*, 2017. Óleo s/ papel, 12 x 12 cm
5. Cecília Corujo, *Pio Amato*, 2018. Carvão s/ papel, 42 x 29 cm



1.



2.



3.



4.



5.

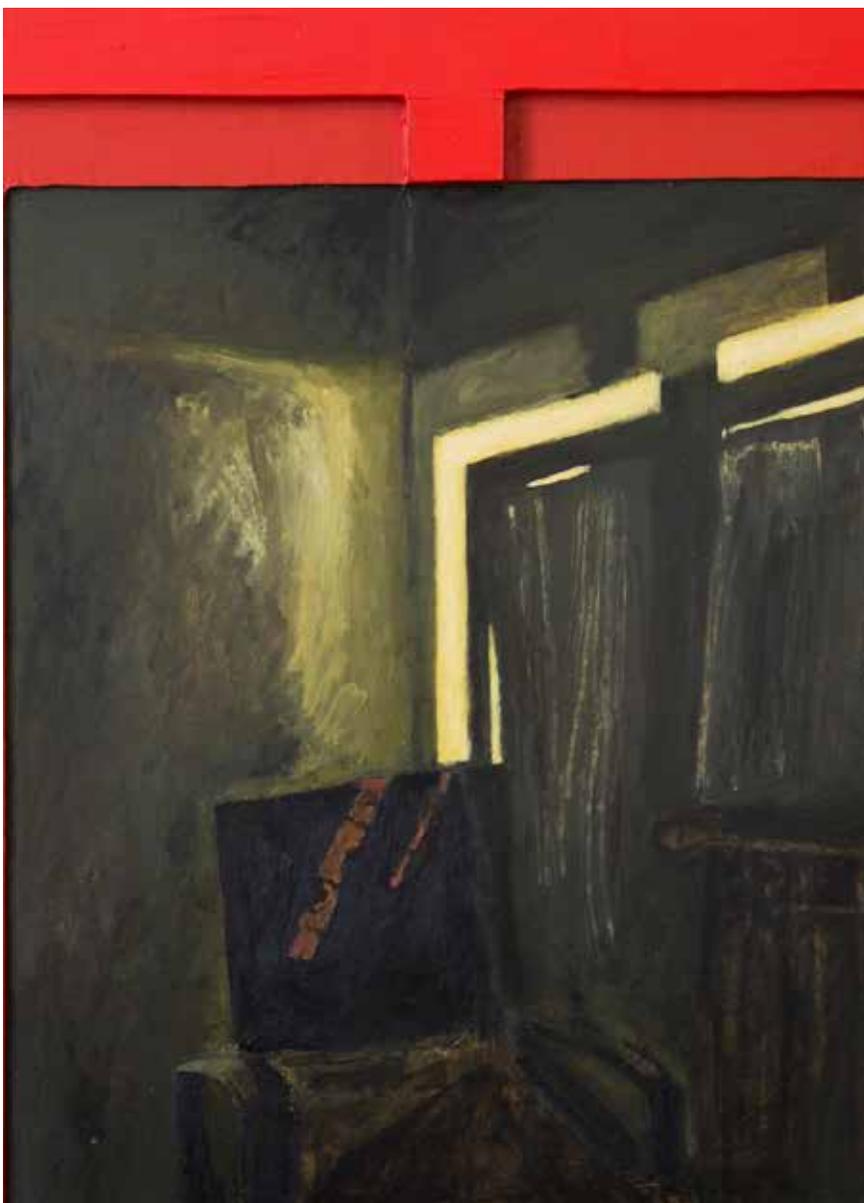
1. *Sem título*, 2018. instalação de arame enferrujado, 23,3 x 23,5 x 6 cm
2. *Pormenor de O tempo antes e o tempo depois*, 2018. Madeira, 156 x 25 cm
3. *Pormenor de O tempo antes e o tempo depois*, 2018. Óleo e cimento sobre tela, 80 x 60 cm
4. *À espera de uma palavra*, 2018. Óleo e cimento sobre tela não engradada, 45,5 x 39 cm
5. *O tempo antes e o tempo depois*, 2018. Instalação, dimensões variadas



1.



2.



3.

1. *Sem título*, 2018. Técnica mista s/ madeira, 24 x 50 cm
2. *Sem título*, 2018. Técnica mista s/ madeira, 61 x 48 cm
3. *Sem título*, 2018. Técnica mista s/ madeira, 61 x 74 cm



1.



2.



3.

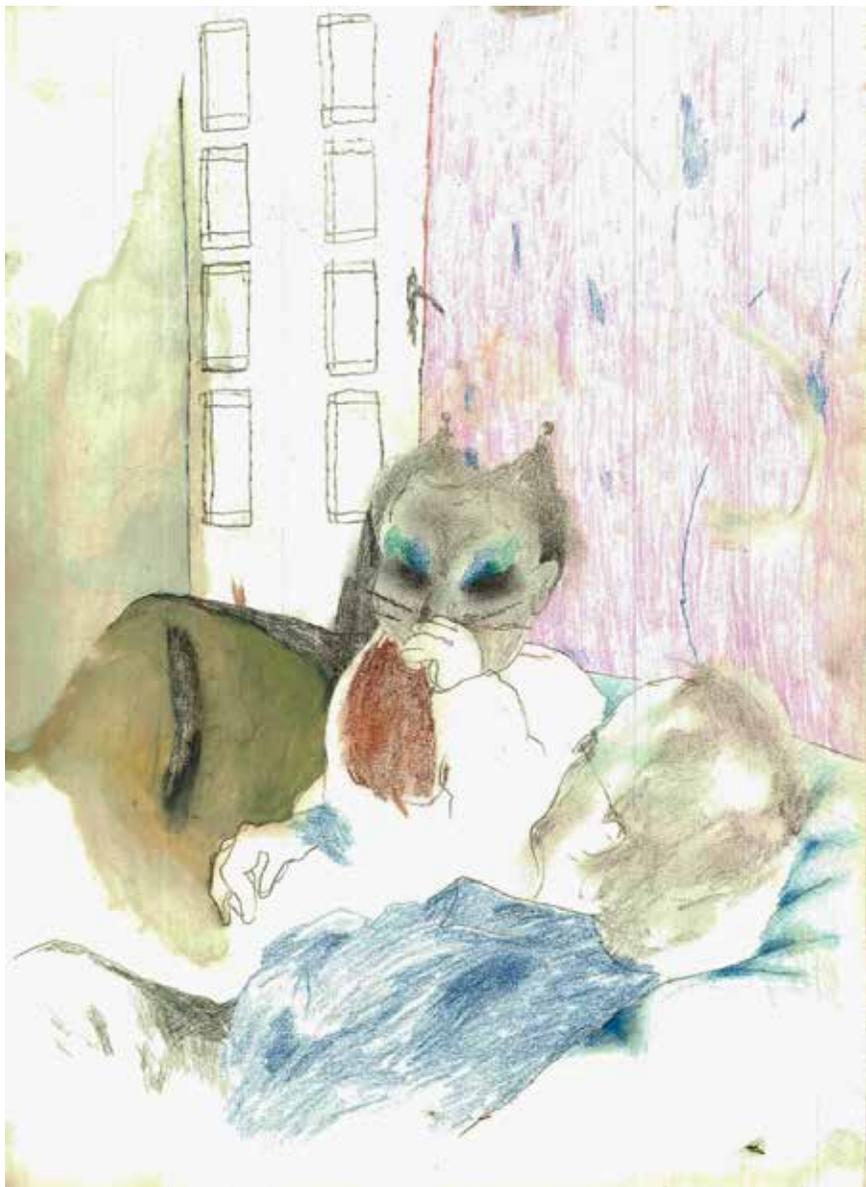
1. *Espelho meu*, 2018. Óleo sobre tela, 50 x 40 cm
2. *Desvio*, 2018. Acrílico sobre tela, 100 x 70 cm
3. *O que deixas-te para trás*, 2018. Acrílico sobre tela, 53 x 43 cm



1.



2.



3.

1. *Sem título*, 2018. Técnicas mistas, pastel de óleo, tinta de óleo, grafite, lápis de cera, 29,7 x 42 cm
2. *Sem título*, 2018. Técnicas mistas, pastel de óleo, tinta de óleo, grafite, lápis de cera, 29,7 x 42 cm
3. *Sem título*, 2018. Técnicas mistas, pastel de óleo, tinta de óleo, grafite, lápis de cera, 29,7 x 42 cm



1.



2.



3.

1. *Sem título*, 2018. Tecido sobre tela, dimensões variáveis,
2. *Sem título*, 2018. Tela: Fio e tecido. 50 x 50 cm, Peça de cerâmica: pasta de gres, 13 x 6 cm
3. *Sem título*, 2018. Técnicas mistas



1.



2.



3.

1. Cinzas, 2018. Gesso acrílico, tinta óleo, 50 x 40 cm
2. Por entre verdes, 2018. Óleo s/ tela, 17,5 x 23,5 cm
3. Dentro dos vasos, 2018. Gesso acrílico, carvão vegetal acrílico, óleo s/ tela, 28 x 40 cm



2.



1.

1. *Sem título*, 2018. Óleo e carvão sobre papel, 50 x 65 cm
2. *Sem título*, 2018. Óleo e carvão sobre papel, 70 x 100 cm



1.



2.

1. *Dias de glória*, 2018. Carvão, óleo e pastel seco sobre papel, 62,5 x 50 cm

2. *Sem título*, 2018. Carvão, giz e óleo sobre papel, 65 x 50 cm



## Notas biográficas

**Ilídio Salteiro** é Doutor em Belas-Artes especialidade Pintura na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa em 2006. Mestre em História da Arte pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa em 1987. Licenciado em Pintura na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa em 1979.

Professor de Pintura FBAUL – Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Vice-presidente do CIEBA – Centro de Investigação e Estudo em Belas Artes. Membro dos conselhos editoriais das revistas *Estúdio*, *Croma*, *Gama*, *Matéria Prima* e *Arte Teoria*. Artista plástico, pintor com várias exposições individuais realizadas. Duas das mais recentes foram *The World Center* (2013) no Museu Militar de Lisboa e *Faróis e Tempestades* na Galeria da FBAUL (2018). Como artista-curador desenvolve vários projectos nos âmbitos da investigação e produção artística contemporânea: *GAB-A – Galerias Abertas das Belas-Artes* (desde 2011), *Sala da Ruth* (2015), *Evocação* (2016 - 2019), *Money* (2016 - 2019).

**João Paulo Queiroz** é Professor na Faculdade de Belas-Artes, ULisboa (FBAUL) e nos cursos de doutoramento da Universidade do Porto e Universidade de Sevilha. Presidente do Centro de Estudos e Investigação em Belas-Artes (CIEBA).

Coordenador do Congresso «CSO, Criadores Sobre outras obras» e das revistas *Estúdio*, (QUALIS A2), *Gama* (QUALIS B1), e *Croma* (QUALIS B1). Coordenador do Congresso *Matéria-Prima*, Práticas das Artes Visuais no Ensino Básico e Secundário (anual, desde 2012) e da Revista *Matéria-Prima* (QUALIS B1). Graduação em Pintura, FBAUL. Mestre em Comunicação, ISCTE. Doutor em Belas-Artes, ULisboa. Presidente da Sociedade Nacional de Belas Artes.



**Ânia Pais**, nasceu em 1998, na ilha de S. Miguel, Açores. Frequenta a licenciatura de Pintura na FBAUL desde 2016. Exposições Individuais: 2017, «Alguém» e «Sopro Mortal», Artes Plásticas I e II, FBAUL. 2018, «Olha-te» e «Claridade», Pintura I e II, FBAUL. 2018, «Alguém», União de Freguesias do Teixoso e Sarzedo, Teixoso-Covilhã. Exposições coletivas: 2017, Ateliers Abertos da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. 2017, «12X12», Galeria Arte Graça, Lisboa. 2018, Galerias Abertas da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. 2018, 3 pinturas na Inauguração do livro «Não faças barulho. Fui ali gritar que te amava» de João Dordio, Palácio Baldaya, Lisboa. 2018, Contextile, Bial de arte têxtil contemporânea, Palácio Vila Flor, Guimarães. 2018, Young Minds Matter, Lisboa. 2018, 9ª Edição da AAVG de Lisboa, como Artista Convidada. 2018, «12X12», Galeria Arte da Graça, Lisboa.

**Clara Correia**, nasceu em 1998, em Lisboa. Reside e trabalha em Lisboa. Fez ensino secundário no Agrupamento de escolas Damião de Goes e, desde 2016, encontra-se a frequentar a Licenciatura de Pintura na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa.

**João Massano**, nasceu em 1997, em Lisboa. Reside em Benavente. Completou a escola obrigatória em Artes Visuais na Escola Artística Especializada António Arroio em Lisboa em 2014, no curso de Design Gráfico. Recebeu bolsa e frequentou residência artística na Mart entre 2016 e 2017. Desde 2015 que frequenta o curso de Pintura na Faculdade de Belas-Artes em Lisboa. Recebeu em 2016 o primeiro prémio do concurso de ilustração «Há vida em Marte» da escola MArt. Participou na Exposição colectiva da escola MArt na casa Museu Madeiros e Almeida, Lisboa, 2016; na Exposição colectiva «Elevated Young Minds» organizada por «Young Minds Matter» nos Anjos 70, Lisboa, 2017; na Exposição colectiva da escola MArt no Museu da História Natural no Príncipe Real, Lisboa, 2017 e na Exposição coletiva «Yellow is where the art is» na galeria da Faculdade de Belas-Artes em Lisboa, 2018.

**Maura Gonçalves**, nasceu em 1994, no Funchal. Versátil e experimentalista, trabalha diferentes áreas na arte, mas o seu foco principal e atuais estudos são no âmbito da Pintura. Começou a sua carreira artística em 2012, em universidades de Belas-Artes em Espanha, em Tenerife e Málaga. Em 2014, por um curto período esteve sobre a tutela de François Ecuyer, no âmbito da Pintura, em Nice, França. Entre 2015 e 2017, esteve na Next Art, em Lisboa, em Desenho e Pintura. Atualmente está a frequentar a licenciatura de Pintura na Faculdade de Belas-Artes em Lisboa. Participou nas exposições: Concurso de Pintura Prémio Casa do Alentejo, Lisboa, 2016; Prémio Infante D. Luís às Artes Salvaterra de Magos, 2016; Next Art exibição anual de alunos em 2016, Lisboa; Malamegi Lab 7- Art Contest 2017, Veneza, em 2017; 12<sup>o</sup> Edição GAB- A Galerias Abertas na Faculdade de Belas-Artes de Lisboa, 2018; Galerias Abertas- Castelo D'If – FBAUL, Lisboa, 2018; 12 x 12 Galeria de Arte, Graça, Lisboa, 2018; 3<sup>o</sup> Edição Prémio Paula Rego 2018, Lisboa, 2018.

**Pedro Tinoco**, nasceu em 1988, em Setúbal. Reside em Lisboa. Frequenta a licenciatura de Pintura na FBAUL desde 2016. Exposições coletivas: GAB-A Galerias abertas das Belas-Artes, FBAUL, 2018; Evento 12x12, Galeria arte da Graça, 2019.

**Rita Alves**, nasceu em 1997, em Vila Franca de Xira. Reside em Alverca do Ribatejo. Frequenta a Licenciatura de Pintura na FBAUL desde 2016. Exposições coletivas: Devo-vos a verdade, Campo Pequeno, Lisboa, 2018; 12<sup>a</sup> edição GAB-A, Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, 2018.

**Rita Leitão**, nasceu em 1998. Reside em Lisboa. Frequenta a Licenciatura de Pintura na FBAUL desde 2016. Exposições coletivas: 11<sup>a</sup> edição GAB-A, Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, 2017; 12<sup>a</sup> edição GAB-A, Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, 2018; Devo-vos a verdade, Avenida Elias Garcia, Lisboa, 2018; II Prémio Jovem Escultura e Pintura Artur Bual, Galeria Artur Bual, Amadora, 2018.

**Sofia Nabais**, nasceu em 1997, em Portalegre. Reside em Lisboa. Frequência da Licenciatura de Pintura na FBAUL desde 2015. Exposições coletivas: 12x12, Atelier da Travessa, Lisboa, 2016; 11<sup>a</sup> Edição das GAB-A, FBAUL, Lisboa, 2017; Dia das Belas-Artes - Ateliers Abertos, FBAUL, Lisboa, 2017; MIPA, Base dos Engenheiros ao Acaso, Lisboa, 2017; 12x12, Galeria Arte Graça, Lisboa, 2017; 12<sup>a</sup> Edição das GAB-A, FBAUL, Lisboa, 2018; Vigília, Mostra privada, Cascais, 2018; 12x12, Galeria Arte Graça, Lisboa, 2018.

**Tiago Santos**, nasceu em 1996, em Oliveira de Azeméis. Reside em Oeiras. Frequenta a Licenciatura de Pintura na FBAUL desde 2015.

Residências artísticas: 2016, Residência Artística RésVés Alte II, Alte, Loulé. Exposições individuais: 2016, Opaco, Galeria AEFBAUL, Lisboa. Exposições coletivas: 2016, Residência Artística RésVés Alte II, Polo Museológico Cândido Guerreiro e Condes, Alte; 2016, 180 anos Belas-Artes, FBAUL, Lisboa; 2017, 11<sup>a</sup> edição GAB-A, FBAUL, Lisboa; 2017, 2<sup>a</sup> edição Prémio Paula Rego, Casa das Histórias Paula Rego, Cascais; 2017 Exposição Pequenos Formatos, Galeria Monumental, Lisboa; 2018, III Prémio Infante D. Luís às Artes, Edifício do Cais da Vala, Salvaterra de Magos; 2018, Da Matéria ao Traço, Galeria Arte Graça, Lisboa; 2018, Singular Pace, Zet Gallery, Braga; 2018, 3<sup>a</sup> edição Prémio Paula Rego, Casa das Histórias Paula Rego, Cascais.



